

GT09: Antropologia das Emoções

Maria Claudia Coelho, Raphael Bispo

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidades. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer; h) emoções, sofrimentos e adoecimentos;

Canto, toque e dança afro-brasileira: o engajamento político a partir do corpo, estética, emoções e sensações

Autoria: Lívia Rabelo

Neste trabalho reflito sobre formas de engajamento político de mulheres negras quilombolas que articulam corpo, arte, estética, política, emoção e cultura através do canto, do toque de tambores e da dança afro-brasileira. O Grupo Afro Ganga Zumba (GAGZ) foi fundado em 1988 a partir de uma apresentação de dança em comemoração municipal dos cem anos de "abolição da escravatura". Sua sede está localizada na Comunidade Quilombola do Bairro de Fátima (reconhecida em 2007), no município de Ponte Nova Minas Gerais, tendo sido reconhecido em 2015 como Patrimônio Imaterial Municipal. As mulheres foco deste trabalho são as fundadoras (ou gerações posteriores) do GAGZ. As atividades são baseadas no cuidado e no afeto, compondo uma proposta de transformação da indignação e da raiva - diante da discriminação racial - em luta antirracista, valorização dos saberes locais, autoafirmação identitária e sentimentos característicos da comunidade como a alegria, o entusiasmo, o humor e a esperança. Assim, ao valorizar a cultura afro-brasileira, contribui para a formação de subjetividades moral e emocionalmente instruídas sobre a questão racial. É nessa dinâmica emocional que vão se tecendo ou destecendo relações de afeto, confiança e pertencimento à comunidade. Inspirada por uma perspectiva da corporeidade, mostro outra linguagem política a partir do corpo, sensações corporais, movimentos e emoções. Uma ferramenta de comunicação que não é necessariamente e apenas falada, mas dançada, cantada, tocada e sentida no cotidiano. É a resistência de existir, de ensinar estas atividades para a comunidade, de ser exemplo de admiração, beleza, reconhecimento e respeito. O corpo é resistência não apenas pela memória e oralidade, mas também pelos movimentos das cordas vocais, dos braços, mãos e pés. Movimentos que não puderam ser totalmente calados porque não eram falados. Atualmente resido na comunidade e faço aulas de percussão e dança afro-brasileira, o que contribui para minha compreensão das emoções nestas atividades e de como são narradas. Assim, analiso narrativas sobre o início do bairro e do grupo, narrativas durante os ensaios e aquelas estimuladas por fotos dos eventos e apresentações. Assim, tenho buscado compreender a capacidade micropolítica da articulação entre corpo, estética, movimentos, sensações e emoções na tessitura de novas relações, ou no fortalecimento e nas alterações de relações e hierarquias já estabelecidas. Dito de outro modo, como sentimentos e emoções nos cantos afro-brasileiros, na percussão e na dança afro-brasileira afeta e

coparticipa da conformação de ser gangazumbeiro, ser quilombola e ser negro no Grupo Afro Ganga Zumba.
Palavras-chave: Corpo; Emoções; Grupo Afro Ganga Zumba.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

